

O CIRCUITO AFETIVO NO AMBIENTE ESCOLAR: ADOLESCÊNCIA E RELAÇÕES FAMILIARES

Paolla Jessica da Cunha¹; Samuel de Sousa Nantes²; Sara de Souza Nantes³.

¹Universidade Federal de Campina Grande, paollajcunha@gmail.com

² Universidade Federal de Campina Grande, naantessamuel@gmail.com

³Uninassau, saranantes@hotmail.com

Resumo: O conceito de família está passando por constantes mudanças, assim como a relação dos adolescentes com o conhecimento. O primeiro afeta diretamente os alunos na sala de aula e, conseqüentemente, dificulta a aprendizagem. Deste modo, a partir da pesquisa participante, buscou-se identificar o impacto dos modos de relações ocasionado pela família no processo escolar e a importância do espaço de escuta dentro das instituições de ensino. Verificou-se, então, que a escola, muitas vezes, torna-se uma válvula de escape para os alunos, enquanto a importância dada ao conhecimento varia a partir do grau de apoio dado pelos pais. Os adolescentes, por não encontrarem na escola o espaço de escuta, acabam por encontrar nas amizades a saída para encarar os sofrimentos familiares e escolares. Portanto, a relação familiar influencia a dinâmica de aprendizagem, sendo importante a escola estar presente para fornecer aos alunos possibilidades de saídas.

Palavras-chave: Escola, adolescentes, relações familiares.

INTRODUÇÃO

O conceito de núcleo familiar tem passado por muitas transformações, acompanhando os acontecimentos históricos, econômicos, sociais e demográficos ao longo do último século. Cabe destacar que, nas últimas décadas, as pesquisas sobre família merecem especial atenção por parte dos estudiosos no campo das Ciências Humanas. Isso, pois, mais precisamente, nas últimas décadas, diversas mudanças foram observadas nas condições de reprodução da população; na diminuição da fecundidade e mortalidade; no aumento da esperança de vida ao nascer, proporcionado por melhores condições de vida e saúde; nos padrões de relacionamento entre os membros da família; no papel da mulher dentro e fora do espaço doméstico; no aumento de uniões homoafetivas, entre outros.

O recente debate em torno do tema família e as polêmicas despertadas na sociedade atual fazem o interesse por esse objeto de investigação aumentar cada vez mais, crescendo em todos os setores do conhecimento, porém com ângulos de abordagens diferentes. Por esse motivo, este trabalho visa compreender como a relação familiar influencia na dinâmica dos alunos dentro do ambiente escolar, onde lhes será proporcionado um espaço de confiança, na tentativa de compreender como são suas relações dentro e fora da escola, segundo seus respectivos pontos de vista.

Estas diferentes abordagens do tema família propiciam e fundamentam as reflexões: o que é família, por que a família é tão importante e qual o seu papel na vida do indivíduo em

formação (adolescente). Essa preocupação crescente com o estudo sistemático da família, considerando-a uma instituição social fundamental, cujas contribuições dependem todas as outras instituições, se justifica dada a importância do tema para entender a natureza das sociedades, tanto no presente quanto no passado.

Tomar adolescentes como os indivíduos em formação que são, possibilita afirmar que a família desempenha papel decisivo na educação formal e informal. Em seu espaço, são absorvidos os valores éticos e humanitários, aprofundam-se os laços de solidariedade, constroem-se as marcas geracionais e são observados valores culturais. É na família que os indivíduos se relacionam e trocam experiências, visto que ela é, ao mesmo tempo, um espaço de conflito cooperativo e um espaço determinante de bem-estar através da distribuição de recursos, passando muitas vezes a refletir diretamente dúvidas, aspirações e questões pessoais (FERRARI & KALOUSTIAN, 1994). No âmbito familiar, os filhos e demais membros encontram o espaço que lhes garantem sobrevivência, desenvolvimento, bem-estar e proteção integral através de aportes materiais e, sobretudo, afetivos.

Além de delimitar alguns conceitos e concepções a respeito do tema das relações familiares, também é necessário abordar a questão da adolescência e suas respectivas relações com os processos educativos e institucionais, para que estejam aqui definidos em qual sentido foi orientada a análise da experiência vivenciada. Sob a perspectiva psicanalítica, Freud foi o primeiro autor a sublinhar o lugar central do adolescente dentro desse núcleo, conceituando a separação de família–adolescentes como uma tarefa dolorosa. Segundo Freud (1917), citado por Fleming (1997), a aquisição do estatuto de adulto é tributário da separação interna dos objetos primitivos e do investimento em novos objetos extra-familiares, sendo enfatizados os aspectos pulsionais e as mudanças pubertárias.

Ele vê nessa fase, na qual ocorre a separação adolescente–família, uma tarefa dolorosa, mas essencial ao desenvolvimento do Homem e da Sociedade, afirmando que o desligamento do indivíduo da autoridade dos pais é uma das mais necessárias, assim como uma das mais penosas realizações do desenvolvimento (FLEMING, 1997). Para o autor, a aquisição da “adulterez”, em termos maturacionais deve-se à realização da tarefa da separação interna dos objetos primitivos.

Na puberdade, quando o instinto sexual faz as suas primeiras exigências, o antigo objeto familiar incestuoso é retomado de novo e carregado de libido (...). A partir daí, o indivíduo humano tem de dedicar-se à tarefa de se separar dos seus pais, e, até que esta tarefa não esteja cumprida, ele não pode deixar de ser criança e não pode tornar-se membro da comunidade social. Para o rapaz a tarefa consiste em separar os seus desejos libidinais da mãe empregando-os na escolha de um objeto de amor exterior. (FREUD, 1917, apud Fleming, 1997)

Best-seller mundial e aclamado pelo público adolescente, o livro *As vantagens de ser invisível* (2007) junta-se à perspectiva freudiana ao retratar a história de um jovem tímido que começa a ter suas primeiras experiências na adolescência após ter sofrido diferentes traumas. A inquietação, o desejo de conhecer o novo, a preocupação com as opiniões dos pais e a conturbada relação com o mundo externo à sua casa nos mostra um jovem perdido nos seus laços sociais. Ao fazer duas amizades, retirando-se do isolamento da sua causa, o protagonista principal começa a ter outras experiências, como o primeiro amor, o uso de drogas, o primeiro beijo, despertando o receio e o conflito de seus pais.

Outro exemplo, agora no meio cinematográfico, bastante conhecido por retratar esses dilemas entre adolescência, Família e experiências externas é a indicação ao Oscar *Lady Bird* (2017). O filme representa a história de uma jovem que tem o desejo de cursar a universidade fora da sua cidade natal, contudo, essa ideia é rejeitada pela mãe. Desta forma, mesmo tendo sua vontade proibida, a garota não desiste do seu sonho, abrindo espaço para várias brigas e discussões ocorrerem na sua casa. Em meio a essas problemáticas, a conturbada relação com os amigos, a primeira relação sexual e outros demarcadores típicos da juventude envolvem a garota em uma teia de dúvidas.

Já no livro “*Los miedos de los niños*”, o psicanalista francês Jacques-Alain Miller (2017) reúne uma coletânea de casos escritos por outros psicanalistas e pedagogos sobre os medos das crianças dentro do ambiente escolar. Há, em vários destes casos, dificuldades dos profissionais escutarem os seus alunos, atentando-se, unicamente, ao conteúdo programado. Na maioria das vezes, os problemas relatados são desconsiderados, porque toca no mal-estar evitado por muitos.

Desta forma, verificava-se que os problemas das crianças dentro da sala de aula originavam-se por um mal-estar advindos de dentro e de fora delas. A escuta desses alunos, muitas vezes negados de reconhecimento, propiciou encontrar meios para enfrentar os problemas, os quais eram os motivos de angústia. A partir disso, os alunos conseguiam prestar atenção nas aulas, fazer um laço com o conhecimento e, conseqüentemente, obter maior rendimento em sala de aula (MILLER, 2017).

Deste mesmo modo, é possível pensar a relação da escola com os adolescentes, os quais costumam ser taxados pelo imaginário social de rebeldes e motivadores de confusões, entendendo a adolescência como uma fase negativa, enquanto, na vida adulta, devem encontrar um padrão social bem aceito. Por entender assim, a escola não oferta lugares de escutas, o que a impede de ouvi-los e descobrir quais são suas angústias para, desta forma, intervir.

Munidos de toda essa gama de definições e pressupostos, situamos como ponto central de nossa vivência, bem como da análise das demandas que surgiram durante a pesquisa, o espaço e a importância das relações familiares na vida de adolescentes e seus impactos dentro do aprendizado; a fim de buscar compreender qual o papel de tais relações na construção da subjetividade destes seres em transição. Portanto, este trabalho tem como objetivos verificar a importância de um espaço de fala e escuta no ambiente escolar, através do fornecimento deste, proporcionando aos estudantes um espaço de compreensão e confiança, onde eles possam colocar suas demandas e os autores possam entender como as experiências familiares de cada adolescente influencia o seu lugar na escola.

METODOLOGIA

Esta pesquisa possui abordagem qualitativa, sendo descritiva e exploratória, com o objetivo de fornecer maiores informações a respeito de como as relações familiares de adolescentes influenciam suas vidas escolares e qual a importância de um espaço de escuta na escola. Para isso, o procedimento utilizado é a pesquisa participante, pois há uma determinada identificação dos autores com o ambiente educacional e com os alunos participantes. Como instrumento, foi realizada uma roda de conversa, na qual os autores deste trabalho tiveram a oportunidade de se colocarem enquanto sujeitos da pesquisa através da participação na conversa, a fim de produzir os dados para a discussão da roda (MOURA; LIMA, 2014).

A atividade ocorreu com 4 estudantes de uma instituição pública de ensino médio e técnico de Campina Grande, em uma sala de aula, durante horário livre dos alunos, por volta de uma hora e vinte minutos. Para isso, foi organizado um ambiente aconchegante e intimista que remetesse a uma festa do pijama, onde os adolescentes pudessem sentir-se confortáveis para falar sobre o tema abordado, já que a roda de conversa visa garantir esse ambiente singular de partilha a partir da interação com o outro (MOURA; LIMA, 2014).

Para dar início à roda e quebrar o gelo entre os participantes, foram cantadas e tocadas músicas pedidas por eles e, logo depois, realizou-se a dinâmica da bola a fim de conhecer um pouco da relação familiar de cada pessoa ali presente. Esta dinâmica consistiu em distribuir um balão para cada participante e, ao passo que um mediador fizesse afirmações como “tenho uma relação conturbada com minha família”, “já quis sair de casa”, “gosto da minha família”, entre outras, os participantes batiam na bola com a intensidade que confirmasse a afirmação falada.

A seguir, foi exibido um pequeno vídeo demonstrando uma relação familiar com adolescentes, logo após, a roda de conversa iniciou de fato sobre o tema da atividade. Ao fim, a dinâmica do “Nó do afeto” foi realizada, a qual tinha como material principal um lençol, no

qual deveria ser dado um nó por cada participante ao falar uma palavra que representasse seus sentimentos naquele momento.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A adolescência e seus mitos

É preciso ressaltar a importância de construir um perspectivismo em relação ao outro mais amplo do que na modernidade, pois há o desejo de produzir uma narrativa responsável por unir literatura, contos e realidade social a partir de um encontro com estudantes adolescentes. Portanto, este trabalho transita e contrói-se como uma colcha de retalhos, já que serão dois olhares, diferentes modos de escrita, quatro singulares vidas e todas as problemáticas existentes entre elas.

O contato com o outro, o diferente, o que não faz parte do cotidiano nos tempos atuais é marcado por certa indiferença e, mesmo sabendo destas problemáticas, costumeiramente essas questões são tratadas com determinada irrelevância. Ao adentrar em uma sala de aula do ensino médio, após ter terminado o ensino regular há alguns anos, é um trabalho, antes de tudo, nostálgico. Observar os olhares, as vestimentas e as conversas dos jovens, revela-se um mundo já vivenciado pelos autores, rodeado por sonhos, expectativas diante do futuro incerto e a vontade de agarrar a vida para vivê-la da forma mais intensa possível. Mundo este, muitas vezes, marcado por tensões familiares, angústias na busca por identificações e outras questões desencadeadoras das tantas dúvidas presentes nessa fase (SANTOS; XAVIER; NUNES, 2009).

Desta forma, perpassando por todos esses pensamentos, fizemos uma roda e através de músicas nos conhecemos. A magia da música encurta e une os tempos, pois, o passado e o presente uniram-se e tornaram-se uma única melodia, conectando divergentes mundos e idades. A tensão para escutá-los fazia-nos pensar em estratégias e meios para facilitar suas narrativas, quando, então, surgiu um balão. Sim, voar com os balões faz-nos expressar sentimentos por nuvens tortuosas, e ao ver os jovens tentando controlar os balões percebemos a dificuldade de segurar um mundo em suas mãos. A cada frase dita, um tapa para afastar os balões era dado por eles. Assim, por trás de um sorriso, percebemos uma relação conturbada com os seus pais, tios, avós, primos, desejos, proibições, brigas e separações.

Ora, mas quem são esses adolescentes? Será que são só jovens? Ou são poetas? Fadas? Personagens de livros? Desenhos? Quem são essas pessoas que buscamos compreender, mas não conseguimos entendê-las? São mesmo tudo o que foi dito até então? Talvez. Então, em suas singularidades, vamos contar a história de BelaFlor, Pedro Bala, Dom Casmurro e Hassan.

Serão histórias verdadeiras? Serão histórias distorcidas por esse espectro cognitivo que nos ronda? Talvez seja a história de muitos por aí a fora.

Belaflor, 16 anos

BelaFlor é uma garota de 16 anos, ao narrar sua história, os autores vislumbraram uma poetisa portuguesa do século passado, curiosamente chamada de Florbela Espanca. Os escritos de Florbela são marcados por uma angústia que faz o leitor cativar-se no sentimento de si e no do outro. Dessa forma foi a história de Belaflor, cativante na maneira de falar e de se expressar. Com o olhar lacrimejando, começou a narrar os recantos da sua trajetória.

Logo aos três anos de idade, seus pais separaram-se, mesmo tão nova sentiu o laço principal que rodeava suas relações desfazer-se, contudo, mesmo ficando com sua mãe, o laço com o seu pai não se desfez, e ao passar do tempo, viveu intensos momentos dos quais lembra com muito saudade. No mesmo período, viu a sua mãe casar-se com outro homem, o qual sempre tratou Florbela bem. Mesmo diante das conturbadas relações cotidianas, ela conseguiu fazer e fortalecer um nó que mantém seu chão.

Esse nó, com determinada certeza, foi de suma importância para sustentá-la no momento mais triste da sua vida: a morte do seu pai. Há 2 anos recebeu esta infeliz notícia, cuja dor era expressa através de seu tristonho olhar. Ver o seu pai em um caixão não foi fácil e lidar com isso também não o era. Ao lembrar das histórias vividas, dos momentos passados, a voz embargada falava da saudade e da importância dele na sua vida, que logo passou a ser recordada com um sorriso e um agradecimento por ter tido o prazer de conviver ao lado dele enquanto foi possível.

Hoje, Belaflor vive uma vida conturbada no que diz respeito à relação com sua mãe, embora mantenha amizades que lhe dão apoio e força para seguir. Disse sentir-se perdida, pois não gosta de ir à escola e pouco menos do curso técnico que faz, mas sente-se obrigada a continuar devido às problemáticas de voltar para uma escola normal. Diante de tudo já levantado, mesmo não gostando da escola, prefere, muitas vezes, ficar lá a voltar mais cedo para casa, porque as tensões são constantes e não é nada fácil segurar o balão angustiante que cerca sua vida.

A dificuldade de escutar e até mesmo de lembrar essa narrativa faz-nos pensar como a história de uma pessoa é uma poesia. Como, em tão poucas palavras, é possível sentir tanto? A pergunta suspende qualquer resposta, pois, racionalmente, não há algo pronto que expresse e explique aquilo que provoca sentimentos, que mostra na impossibilidade as possibilidades existentes.

Hassan, 16 anos

Hassan, garoto de 16 anos, expõe uma narrativa muito peculiar, daquelas que só as contingências da vida podem oferecer. Hassan, na literatura, é um menino calado que vivia com seu pai, muito caseiro, e fazia de tudo pra agradar o garoto filho do patrão do seu pai. As contingências da vida o levaram a sofrer abuso sexual, sofrer na guerra, não conhecer seu pai verdadeiro e seu irmão, levando-o a morrer sem saber destas últimas informações. O outro Hassan, o jovem escutado, não passou por essa trajetória, embora as contingências também o tenham levado para lugares imprevistos.

A sua narração fez os autores refletirem sobre os caminhos que a vida pode oferecer. Por coincidência, na semana do encontro com os autores deste trabalho, a morte de sua mãe completaria cinco anos. Timidamente, por ser um jovem calado, disse que isso mudou completamente a sua vida e a dor permanece até hoje. Depois disso, o pai se casou com outra mulher e teve filhos, mas Hassan preferiu morar com sua avó e mais doze pessoas, contando com tios e primos.

Hoje, Hassan fala sobre a dificuldade de viver com essas doze pessoas, principalmente em relação às tarefas de casa, e, por essa questão, fica mais tempo na escola, já que seus parentes cobram-lhe a realização das tarefas domésticas. A sua relação com o pai é boa, mas não pensa na ideia de morar com ele. Desta forma, mesmo falando com certa tranquilidade, a resistência em não tocar em determinadas questões era nítida, pois esta resistência é a responsável por sustentá-lo na vida. Nesse momento, alguns pensamentos surgem: não seriam as contingências da vida o motor para continuar a andar?

Bala, 17 anos

A partir de agora vamos contar a história de uma garota chamada Bala que tem 17 anos. O seu posicionamento de liderança na representação estudantil da escola e a intensa procura por projetos lembra Pedro Bala, personagem do famoso livro Capitães da Areia, que lidera um grupo de meninos moradores das ruas de Salvador, buscando sobreviver e, ao mesmo tempo, aproveitar a vida. Ela parece até ser mais velha devido aos seus posicionamentos e opiniões, é daquelas que bate o pé no chão e não desiste do que quer, exceto quando sua mãe não a apoia.

Em sua narrativa, Bala contou que os pais separaram-se no início da sua adolescência, e, por isso só vive com a mãe. Um tempo depois, sua relação com o pai melhorou, então, hoje, apoia essa separação. Já o relacionamento com a mãe é conturbado, Bala necessita do apoio

dela, pois o seu engajamento nos projetos melhoram a partir da sua aprovação. No entanto, por diversas questões, estar na escola e em projetos era um momento de fuga dessa relação, pois na maioria esmagadora das vezes em que as duas estavam no mesmo ambiente, elas se desentendiam.

Tantos desentendimentos provocam em Bala uma confusão em relação à sua subjetividade. Ela constrói uma identidade mascarada quando está perto da mãe, tornando-se mais fechada, falando apenas o necessário e pedindo para que aquele momento acabe logo. Sua mãe quer que Bala haja de acordo com suas ordens, projetando sua vida na da filha, o que angustia e irrita a garota. Verifica-se, deste modo, a projeção da mãe na filha.

Santos, Xavier e Nunes (2009) afirmam ser função dos pais cobrar, formar, dar suporte afetivo, apoiar e proteger seus filhos, que serão avaliados por estes posteriormente. Quando Bala reclama da falta de apoio de sua mãe, ela está avaliando essa função e mostra-se insatisfeita. As mesmas autoras colocam a projeção dos pais nos filhos como fator gerador de ansiedade e de interferência na autopercepção dos filhos adolescentes, notável no relato de Bala sobre não sentir-se ela mesma quando está com a mãe, pois não consegue ser autêntica devido às expectativas criadas por sua genitora.

Capitu, 16 anos

Assim como a personagem de Machado de Assis, Capitu mostra-se independente e avançada no seu tempo. Ela tem apenas 16 anos, mas saiu do sítio onde vivia para morar e estudar na zona urbana de outra cidade, além de já ser engajada na representação estudantil da escola onde estuda. Afirma-se feminista e luta para vencer preconceitos comuns no seu cotidiano.

Capitu disse ser um alívio estar distante dos pais, apesar de ainda morar com uma irmã na cidade grande, mas mesmo assim sente saudades da família completa. Embora seus pais briguem muito e a relação de Capitu com a família seja conflituosa, nem sempre foi assim. Durante os anos em que esteve sem consumir álcool, relata que seu pai era amoroso e atencioso. Mas devido aos conflitos entre ele e sua esposa, o pai voltou a fazer uso abusivo de álcool, provocando mais preocupações a Capitu, que o considera psicologicamente frágil. Quando volta ao sítio, ela revela estar sempre brigando com os pais, tornando a convivência com eles insuportável e mascarando sua identidade que, assim como Bala, também torna-se mais fechada e calada.

Por fechar-se perante a mãe, a garota afirma que esta coloca nela todas as tensões existentes, pedindo constantemente o seu afeto e, por quase sempre não demonstrá-lo, acaba

sofrendo várias ofensas. Capitu vê a irmã mais velha, com quem mora, como uma pessoa que tenta fazer o papel de sua mãe, e afirma não gostar dessa situação. Por isso, prefere passar o dia inteiro na escola para ter o menor contato possível com sua irmã. Ela diz que quem a compreende e lhe dá força para aguentar tantos conflitos é o namorado, pessoa que costuma apoiá-la quando necessário.

Quando as histórias se entrelaçam

A firme presença dos conflitos nas relações familiares de cada adolescente que esteve conosco durante esse trabalho, reafirmou a colocação de Pratta e Santos (2007) sobre o aumento dos conflitos serem diretamente proporcionais à diminuição da convivência da família com os adolescentes. Apesar de estes acharem que deixam de estar próximos às suas famílias por causa das discussões, suas intensas buscas por identificações, fazem com que aconteça maior aproximação entre grupos semelhantes a eles e, conseqüentemente, maior distanciamento dos seus pais ou responsáveis, transformando afinidades, opiniões e todo esse conflito de gerações (WAGNER et al., 2002).

As constantes mudanças biopsicossociais que acontecem em cada membro da família interferem nas relações entre eles, como visto nas diferentes histórias mencionadas (PRATTA & SANTOS, 2007). Para Capitu, por exemplo, passar a viver em outra cidade lhe trouxe mudanças de opiniões e ideais, elemento de influência no relacionamento que ela terá com qualquer indivíduo, principalmente com aqueles mais afastados, como os pais. Já para Hassam, lidar com várias e diferentes pessoas em um mesmo ambiente familiar é complicado, ainda mais quando ele está mais distante por preferir passar o dia inteiro na escola, distanciando-se mais dos mais familiares e diminuindo pontos em comum entre eles.

A roda de conversa reiterou o aumento de problemas na esfera familiar durante o processo de adolescência de um ou mais membros da família que Wagner et al. (2002) verificaram em um de seus estudos. O questionamento de regras e as mudanças de opiniões são fatores que apontam para a necessidade de constantes negociações entre todos, trazendo à tona conflitos geracionais (PRATTA & SANTOS, 2007).

No ambiente escolar, principalmente com o apoio da teoria psicanalítica, verificamos a importância de espaços de falas, como construído nesta pesquisa, para o acolhimento e reconhecimento do sofrimento desses jovens. Assim, através da fala, o mal estar oriundo dessa relação pode ser ressignificado, e isso acontece quando os jovens passam a dar outros sentidos a experiência anterior e conseguir investir na vida, até mesmo em outros projetos dentro do ambiente escolar (MILLER, 2017).

No fim, foi realizada a dinâmica do nó, momento no qual as histórias de BelaFlor, Hassan, Bala e Capitu deram, de fato, um nó entre si, unindo-se por meio de suas particularidades. Dessa forma, os problemas demonstraram-se inevitáveis, mas o apoio na escuta de um amigo, namorado, familiar, profissionais da educação, psicólogos e entre outras pessoas que estabeleçam uma relação, possibilitam uma trajetória com amortecedores para cada queda ocorrida, causando um impacto um pouco menos insuportável. Durante a roda de conversa, foi consenso entre todos que a possibilidade de fazer um nó da vida é estabelecida quando se tem um espaço para falar e escutar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É visível a necessidade que os adolescentes demonstraram de utilizar a escola como um escape de suas relações familiares, visto que os quatro adolescentes afirmaram preferir ficar na instituição o dia inteiro de segunda a sexta para evitar contato com a família. Fator que, infelizmente, tende a piorar ainda mais a comunicação entre os membros desta e, conseqüentemente, a convivência entre eles.

Ficou clara a demanda que os adolescentes tem de falar e sua solicitação por uma escuta atenta. Isso mostra a utilidade e a indispensabilidade de um espaço como este propiciado pelo grupo da pesquisa dentro da escola, onde eles possam falar, escutar a si e a outros para pensarem em como estão lidando com suas demandas internas. Todos afirmaram sentir-se muito bem após exporem seus relatos familiares, tornando a intervenção um ambiente de transformação através da palavra.

Além disso, foram encontrados divergentes tipos de família: pais casados; separados; avós, tios e primos; mãe e padrasto; mãe ou pai falecido. Estruturas diferentes daquelas que aparecem em livros, artigos, trabalhos científicos no geral pesquisados, pois cada família é única, apresentando diferentes relações e dinâmicas de relacionamentos. Assim, deve-se escutar cada ser dentro dessa dimensão particular.

A conclusão da atividade proporcionou a todos atar os nós daquela experiência de forma mais leve, foram atados afetos, memórias e laços. Cada um a seu modo, no seu tempo, delicadamente implicados em construir uma narrativa. Portanto, a verdade sobre as narrativas desse jovens, nesse estudo, não foi feita por convicções fixadas em uma única raiz. Talvez não exista essa única verdade, contudo, a realidade desses jovens se assemelha a muitas outras do nosso país. Juntas formam uma voz que grita por maior reconhecimento das aflições dessa fase da vida e que encontram na poesia, na literatura, nos filmes e em outras artes sua voz mais autêntica.

REFERÊNCIAS

CASTRO, E. B. V. **Metafísicas canibais**: elementos para uma antropologia pós estrutural. Cosac Naify, 2015.

CHBOSKY, S. **As vantagens de ser invisível**. Brasil: ROCCO, 2007.

FERRARI, M.; KALOUSTIAN, S. M. Introdução. In: KALOUSTIAN, Silvio Manoug. (Org.). **Família brasileira: a base de tudo**. 2. ed. São Paulo, SP (Brasil): Editora Cortez, Brasília, DF: UNICEF, 1994. p. 11-15.

FLEMING, M. O desenvolvimento psicológico e a relação com os pais. In: **Adolescência e autonomia**. 2ª Edição. Porto: Edições Afrontamento, 1997.

LADY Bird - A hora de voar. Produção de Scott Rudin, Eli Bush e Evelyn O'Neill. EUA: Universal Pictures, 2017.

MILLER, J-A., et al. **Los miedos de los niños**. 1. ed. Buenos Aires: Paidós, 2017.

MOURA, A. F.; LIMA, M. G. A Reinvenção da Roda: Roda de Conversa, um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 23, n. 1, 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/18338/0>>. Acesso em 07 de setembro de 2018.

PRATTA, Ea. M. M.; SANTOS, M. A. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 12, n. 2, p. 247-256, Agosto de 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722007000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 04 de março de 2018.

SANTOS, Michelle Steiner dos; XAVIER, Alessandra Silva; NUNES, Ana Ignez Belém Lima. Desenvolvimento afetivo e social. In: **Psicologia do desenvolvimento: teoria e temas contemporâneos**. 2ª ed. Brasília: Liber Livro, 2009.

WAGNER, Adriana et al. A comunicação em famílias com filhos adolescentes. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 7, n. 1, p. 75-80, Junho de 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722002000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 04 de março de 2018.